

“E O QUE SE PODE FAZER?”

GASLIGHTING EM O PAPEL DE PAREDE AMARELO

"AND WHAT CAN YOU DO?"

GASLIGHTING IN THE YELLOW WALL-PAPER

PERKINS, Charlotte. *O papel de parede amarelo*. Trad. de Diogo Henriques. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.¹

Nícollas Cayann²

Se a última flor do lácio fosse, de fato, uma flor, certamente seria uma hortênsia que muda de cor de acordo com as condições de solo. Esta é uma verdade para todas as línguas latinas. Há uma enorme gama de nuances que estão postas neste circuito linguístico que é ordenado pela linha do tempo e pelas gentes que são seu contorno. Não é! Mas se fosse, seria. Ou estaria? Existe certa complexidade muito típica do português em definir, separadamente, o ser e o estar. Uma pessoa que é doente está fadada à limitações perpétuas, já uma pessoa que está doente só precisa ser tratada. Em francês, por exemplo, *je suis malade* não dá as mesmas indicações diferenciais de ser e estar, tampouco em inglês, em que a frase *I am sick* serve para os dois casos do português. Não fosse eu lusófono, talvez não tivesse me atentado a isso, mas questiono: as dinâmicas que nos fazem ser, ou estar, são advindas de quem? ou do que?

Shakespeare é um dos escritores mais icônicos dos quais se tem notícias. Na famosa peça *Hamlet*, na terceira cena do primeiro ato, Polônio diz: “*This above all: to thine own self be true, and it must follow, as the night the day, thou canst not then be false to any man*”. Shakespeare versa sobre a verdade do ser humano, da importância de ser verdadeiro consigo mesmo, e, por consequência, de ser genuíno com todo e qualquer outro humano. Creio que, embora bastante impactante e bem escrita, a frase não leva em consideração algumas condições que, suponho, são essenciais, principalmente tendo em

¹ PERKINS, Charlotte. *The yellow wall-paper*. Boston: The New England Magazine, 1891.

² Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana e, atualmente, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista CAPES/DS. E-mail: nicollascayann@gmail.com

vista os giros feministas e decoloniais que a virada do milênio trouxe ao âmbito teórico e academicista. É o ser algo dado ou algo construído? Se é algo intrínseco, quem o define? Se é algo que se desenvolve em constante construção, quem constrói?

O conto *O papel de parede amarelo*, de 1981, da escritora Charlotte Perkins Gilman, é composto das supostas anotações do diário de uma mulher “doente”. Na trama, ela e o marido estão de mudança para uma “mansão colonial, uma herdade, eu diria mesmo uma casa assombrada, e galgaria o ápice da felicidade romântica” (PERKINS, 2017, p.11), é nesta casa que a protagonista terá “descanso” para que melhore de suas supostas condições de saúde mental. Desde as primeiras linhas do conto a personagem principal se mostra preocupada com algumas condições da casa, pois é muito improvável que gente que não faz parte da elite (como é o caso do casal) encontrar uma casa dessas para alugar por algum tempo. Nestas primeiras palavras nos são postas também algumas questões interessantes, como a casa “estranha e assombrada”. Contudo, o que mais me toma atenção é o uso da palavra “colonial” que, intencional ou não, denota a relação de subordinação que a protagonista vivencia ao longo das páginas do conto.

Ao longo do texto se nota que o marido, assim como o irmão da protagonista, percebe certos indícios de um estresse que os preocupou em relação às condições psíquicas da personagem principal. Os métodos de tratamento escolhidos para esta possível patologia são também diagnosticados pelo próprio marido. A narradora/personagem é colocada em um quarto que não lhe agrada, com um papel de parede que contribui para sua inquietude, lhe é vetado o contato com o filho e com os parentes e amigos, lhe é terminantemente proibido qualquer esforço ou trabalho, ao ponto que sua única salvação é a escrita. Manter os diários é o que mantém, neste processo de acamamento, a mente da protagonista com vislumbres de sanidade, até que mesmo isso lhe é tolhido, passando então a escrever escondida. O marido médico, que tem respaldo do irmão que também é médico, é indicado pela própria protagonista com um dos possíveis motivos da demora de sua melhora: “John é médico, e talvez - (eu não diria a vivalma, é claro, mas segredar apenas ao papel já é um grande alívio para minha mente) -, talvez seja por isso que não me recupero mais rápido” (PERKINS, 2017, p. 12).

No decorrer do texto a personagem principal começa a demonstrar sintomas muito mais severos que de um simples surto de estresse ou leves tendências histéricas (como pressupõe o próprio marido/médico). Insônia, alucinações, vozes, imagens, e outros fatores que desenharam um esboço de possíveis patologias graves que começam a corporificar-se na personagem. Nisso se inscreve a ideia de *gaslighting*, que é uma forma

de abuso psicológico na qual o estado do paciente é propositalmente mal julgado, e de forma seletiva omitem-se informações, afasta-se o paciente do convívio dos seus na tentativa de fazer a vítima questionar-se, ou de demonstrar aos outros certo nível de confusão que possa ser diagnosticado como uma patologia (GASS, NICHOLS, 1988).

Para concluir este pensamento, retomo os tópicos que deram início ao paper: acredito que a protagonista não “é” doente, contudo, infiro que no momento em que o marido/médico diagnostica a protagonista a “estar” estressada, ela, perante a sociedade, realmente aparentará estar doente. Categorizo este ato como *Gaslighting*, visto que a personagem é adoecida ao longo da trama através de práticas de isolamento. A metáfora da “casa colonial” se inscreve aqui no sentido de que a subordinação na qual esta mulher estava colocada lhe impedia de tomar ações capazes de livrá-la, e estes mecanismos são feitos pelo marido médico, que tem suporte do irmão, também médico, e são mantidos graças também a uma mulher: “Jane!”. Os mecanismos de subordinação continuam por todo o texto até que no final a protagonista consegue, através daquilo que parece suicídio, a liberdade. Desde as primeiras linhas do conto a protagonista já demonstra consciência das condições às quais está sendo submetida, e o texto também implica a ausência de ferramentas capazes de mudar a estrutura hierárquica, isso fica muito marcado na frase que se repete ao longo do texto: “Mas o que se pode fazer?” (PERKINS, 2017, p. 13).

Neste sentido, retomo alguns questionamentos que guiaram a minha leitura: Ser e estar são conceitos largos em português, mas *to be* (visto que o texto originalmente foi publicado em inglês), ainda que uma forma sintética, é também um conceito amplamente arbitrário. Concluo que, talvez, patologicamente, a personagem não estivesse ou fosse acometida por nenhuma doença, contudo, o fato de as mulheres estarem inseridas em um eixo social que as coloca como subordinadas aos maridos, fez desta protagonista alguém doente. A construção do ser é feita no encontro com o outro. O ser não é, ao meu ver, algo dado, mas sim algo construído. Se um indivíduo não tem as ferramentas para se construir na tensão com a outredade, ele está destinado a ser visto pelos olhos de outros. A protagonista do conto, e as mulheres em geral, estão sim doentes, mas não é de histeria, é de machismo e patriarcado. Mais que um conto literário, o texto que resenho nestas páginas é um dos mais relevantes, ao meu ver, à crítica feminista, mostrando que tanto a literatura quanto a teoria literária podem, e por que não - devem -, ser metalinguagens uma da outra.

Referências:

PERKINS, Charlotte. *O papel de parede amarelo*. Trad. de Diogo Henriques. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

_____. *The yellow wall-paper*. Boston: The New England Magazine, 1891

GASS, Gertrude. NICHOLS, William. Gaslighting: A marital syndrome. *Human Sciences Press*, v. 10, n. 1, Nova York, 1988, p. 3-16. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00922429>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

Artigo recebido em: 07/09/18

Artigo aceito em: 29/09/18